



Universidade Federal de Goiás

Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena

Canoa tradicional do povo Kuikuro

Peiecu yuri Kuikuro

Ciências da linguagem –turma 2016

Extra Escolar apresentado ao Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena, da Universidade Federal de Goiás, como requisito para a obtenção da graduação, sob a orientação da Prof^a Dr^a Lorena Dal’lara

Goiânia 2018

O Kuhl-ikugu também chamado Kuikuro, são um grupo indígena que habita as aldeias Ipatse, Mayene, Lahatuá, Lamakuka, Kaluani, Nekupai, Ahukugi, Murici e Curumim. Falam a língua Kuikuro, que pertence ao tronco linguístico karib, localizada na região Centro-Oeste, no Estado de Mato Grosso no Brasil, com 2.790.491 hectares. A aldeia principal e maior é Ipatse onde vivem cerca de trezentos e noventa (390) pessoas, pouco distante da margem esquerda do rio Kuluene, pertence no município de Gaúcha Do Norte, a segunda aldeia Ahukugi, se localiza na margem direita do rio Kuluene, acima de Ipatse, com cerca de cento e cinquenta e oito (158) pessoas. A terceira aldeia Curumim que fica no limite do território do Xingu, na região leste do alto Xingu com cerca de vinte

e cinco (25) pessoas, e a quarta aldeia Murici que fica na margem rio Tanguro, na região leste do alto Xingu com cerca de vinte (20) pessoas. Elas pertencem município de Querência. A quinta aldeia se chama Lahatua que fica no local da antiga aldeia principal na região centro oeste do alto Xingu, que tem aproximadamente cinquenta e sete (57) pessoas, a sexta aldeia Mayene que fica um pouco longe na margem do rio Kuluene próximo da aldeia Lahatua, vivem trinta e seis (36) pessoas, a sétima aldeia Lamakuka fica também próximo da aldeia Lahatua, mais longe do rio Kuluene, dezesseis (16) habitantes, oitava aldeia se chama Nekupai que fica no rio Mirassol na região do sul do alto Xingu vivem sessenta (60) pessoas e a nona aldeia Kaluani Paraíso que fica um pouco distante do rio Kuluene na região centro oeste do alto Xingu que tem cinquenta e três pessoas. Essas aldeias pertencem ao município de Gaúcha Do Norte.

Este trabalho de pesquisa teve como objetivo fazer um levantamento e um estudo da canoa tradicional do povo Kuikuro/Kalapalo/Matipu. Nesta pesquisa serão estudados os diferentes modos de fazer a canoa tradicional que fazem parte da cultura material dos povos Kuikuro/Kalapalo/Matipu e que são produzidos por eles. Esta pesquisa será realizada através da Universidade Federal de Goiás (UFG) e será desenvolvida por mim, Peiecu Yuri Kuikuro, aluno do Curso de Educação Intercultural Indígena.

Através deste projeto de pesquisa pretendo registrar quem são as pessoas que conhecem a história da canoa tradicional e quem sabe fazer canoa e também os diferentes tipos de madeira e tronco são utilizados. Este trabalho pretende estimular a comunidade da minha aldeia a reconhecer e valorizar aquelas pessoas que sabem fazer canoa tradicional bonita, de diferentes tipos e tamanhos, para que esses especialistas sejam procurados por todas as pessoas que querem aprender a trabalhar com canoa e aprofundar seu conhecimento sobre a cultura Kuikuro/Kalapalo/Matipu.

Justificativa

Desde quando houve o contato com o homem branco os povos indígenas xinguanos vem utilizando as tecnologias não indígenas para diminuir a força braçal enfrentada pelos nossos

antepassados, com o passar do tempo veio a se criar uma dependência, onde os mais velhos temem que os conhecimentos tradicionais sejam perdidos, porém, nem todos tem acesso a esse conhecimento que são repassados de geração em geração. Por esta razão para se adquirir o conhecimento tradicional do outro é muito caro em nossa cultura, a realização desse projeto extraescolar nos traz uma esperança de conseguir mudar o atual cenário, mostrando aos jovens os processos corretos de como produzir uma boa canoa Xinguana, com formato tradicional, maior durabilidade, entre outros, vemos a oportunidade de fortalecer nossa cultura, diminuir o uso do motor de polpa e barco que poluem nossos rios.

Objetivos

Objetivo geral

Descrever os processos de produção de canoa tradicional do povo Kuikuro/Kalapalo/Matipu.

Objetivos específicos

- Fortalecer a cultura do povo Kuikuro/Kalapalo/Matipu.
- Retomar a engenharia tradicional.
- Conhecer as histórias antigas da origem da canoa.
- Conhecer produzir os diversos tipos de canoas.
- Conhecer a forma correta de uso remo

Metodologia

Serão produzidos seis tipos diferentes de Canoa, uma se dá através do Casco as outras serão produzidas através do tronco de quatro árvores diferentes.

Produção da Canoa através tronco de árvore.

Antes de ser usado motosserra levava até três meses para ficar pronta a canoa feita do tronco da árvore, como já temos

ferramentas que facilitem esse processo levará entre duas a três semanas para ficar pronto.

Quando é retirado o tronco, é feita uma medição de aproximadamente sete a oito metros para iniciar o esculpir da canoa. Nossos antepassados utilizavam de oito metros e meio para realizar viagens e objetos pesados, e de seis a sete metros para a pescaria diária. As canoas que serão produzidas através do projeto terão em média de sete a oito metros.

Tiha – O primeiro tronco que vamos detalhar não sabemos o significado na língua portuguesa, porém é bastante utilizado a sua resina em pinturas corporais para crianças e também usado como remédio. Esse tronco é o que tem a menor duração de tempo de uso quando pronto dura entre dois anos a três anos. Quando é encontrado a árvore com o tamanho favorável à de uma canoa é marcado no casco onde será cortado o tronco, primeiramente é retirada do casco, seguindo a resina é deixada alguns dias para secar e quando já está bem seco pode ser cortado o tronco, a resina atrapalha bastante na hora de corta por isso é necessário amolar o machado mais vezes que o comum. É uma canoa para viagens.

Tali – O segundo tronco na língua portuguesa chama-se copaíba, ela tem resina que é utilizado pelos lutadores, por isso ela só pode ser cortada por lutadores profissionais de *ikidene hulka hulka*, se qualquer pessoa cortar fica muito doente podendo até levar a morte, antes de cortar deve ser levado a pimenta para o espírito dono da árvore para que ele não faça mal ao lutador que cortar a árvore, mesmo assim o cheiro é muito forte causa náuseas e enjoos. Depois de pronto o tempo de uso dessa canoa é de quatro a cinco anos. É uma canoa para pesca, principalmente utilizada pelos lutadores)

Hala – O terceiro tronco na língua portuguesa chama-se canela, é bastante utilizado como poste de sustentação da casa. Esse tronco não tem resina, também é bastante utilizado como remo, leva duas semanas na sua produção se for com motosserra,

depois de pronto leva até doze anos de uso. É uma canoa para pescaria.

Katsegü – O quarto tronco também não sabemos a tradução na língua portuguesa, é bastante utilizada na produção de casas. Esse tronco tem resina por isso o processo de retirada é parecido com as outras citadas acima a diferença que desse tronco não aproveitamos a sua resina como as outras pois não utilizamos o uso dela em nossa cultura. O tempo de uso depois de pronto é de aproximadamente quinze anos porém ela mais difícil de ser encontrada no tamanho ideal. É uma canoa para fazer longas e curtas viagens e pescarias etc.

Ikuengü– O quinto e último tronco é ikuengü, não sabemos a tradução para a língua portuguesa, essa madeira é um pouco mais difícil de ser encontrada em nossa região, porém o tempo de duração depois de pronta dessa canoa também varia entre quatro e cinco anos, (É uma canoa para fazer a longas viagens.

Uagi hijo/ipuhisü

Esta será produzida com mais cautela, como era feita antigamente pelos nossos avós quando não existia o motosserra. O casco pode ser retirado no mês de janeiro e fevereiro, leva um dia para ficar pronto, porém é um trabalho duro tem que ser feito com muita cautela na hora da retirada, para não rachar, se isso acontecer deve-se procurar outra árvore de Jatobá para retirar novamente por isso também é necessária agilidade. Em cima da árvore serão necessárias dez pessoas, duas na parte superior, quatro na parte central, duas na parte inferior e por fim no chão os anciões ficam para orientar os jovens como executar a retirada do casco.

Feito isso, é aceso o fogo para queimar o casco, serão utilizadas as técnicas de manejo com o fogo para que não seja alastrado, por isso é utilizado uma lenha específica de brasa e galho para fazer mais fumaça é os últimos ajustes para deixar a canoa mais côncava. A massa dispensada do polvilho também é usado como barreira do fogo, como passa um dia todo na mata usamos essa fogueira para moquear o peixe que será nosso alimento durante esse dia de trabalho, também é feito barricadas de terra

vermelha ou misturada com água. Era dessa forma que era produzida a canoa tradicional dos passados. Durante a defumação do casco é cortada a madeira pequena, média e grande para ajustar a parte interior da canoa de acordo com que o ancião vai orientar, após esse processo é necessárias pelo menos oito pessoas para carregar a canoa.

HISTÓRIA/MITO

Como surgiu a canoa para o povo Kuikuro/Kalapalo/Matipu

Certo dia o Kanasü estava descendo com a canoa feita de barro. Quando ele estava descendo ele encontrou o pato com seus filhos, estavam subindo com a canoa feita de casco de jatobá, o senhor kanasü perguntou para ele.

- Meu irmão aonde vocês estão indo com seus filhos?

O pato respondeu.

- Meu senhor kanasü, estou levando meus filhos passear por aqui, precisa de algumas coisas?

O kanasü estava se interessando na canoa dele, e falou.

- Meu irmão podemos trocar a nossa canoa, porque esta sua é pequena, e perigo levar seus filhos com esta canoa pequena, a minha é grande, estou vendo vocês estão muito apertados, aqui vai caber vocês.

O kanasü sabia que a canoa de barro vai derreter e não ia aguentar a viagem longa. O pato aceitou a proposta do kanasü , trocaram a canoa. O pato agradeceu Kanasü se despediram seguiram a viagem.

Quando estavam um pouco distantes aonde eles trocaram a suas canoas, a canoa do pato começou a derreter e gritou.

- Oh! Senhor *kanasü!* Devolva a minha canoa! Esta sua não presta!!

O kanasü fingiu que não escutou e foi embora.

Os filhotes do pato nadaram e sobreviveram.

É assim surgiu a canoa de jatobá para nós.

Mas a canoa feita de tronco de arvores aprendemos com povo juruna/judja.

Muitos anos atrás eles iam guerrear com meu povo Kuikuro/Kalapalo, e muitas vezes eles deixavam suas canoas, aonde meu povo aproveitou pegar e aprender até hoje em dia sabemos mais replicar.

Resultado

Inicialmente realizamos reunião na comunidade para traçar os primeiros caminhos a serem tomados para a retirada da madeira. Nessa conversa, analisamos qual tronco seria mais propício para cada época. Primeiro, decidimos pelo tronco de *TIHA*, porque ele estava na mata próxima a aldeia, facilitando a coleta e construção de canoa. O processo de construção da canoa de *TIHA* foi iniciada dentro da mata, e ao escolher uma árvore grande começamos a derrubar com machados. Antes de derrubar, preparamos o local com alguns galhos grossos enfileirados, assim, quando a árvore cair em cima conseguimos girá-la e moldar com mais facilidade. A árvore ideal é aquela que não é oca, então pós derrubar a segunda iniciamos as medidas. Medimos o comprimento da canoa e separamos do restante da árvore, para facilitar o manuseio. Com machados, perfuramos o tronco, de acordo com molde da canoa já desenhada, até todo cerne e sobrar apenas uma camada que será a canoa. Em seguida, carregamos de mata para próximo do rio, para realizar os últimos ajustes. E por último, queimamos a parte de dentro da canoa, para que ela expanda um pouco e evitar que apodreça.

Após o tronco de *TIHA*, concordamos em fazer o UAGI HIJO, canos de casca de jatobá, pois ela tem que ser retirada na época e essa era momento ideal. Essa canoa é mais trabalhosa e delicada que anterior. O processo iniciou com a escolha do jatobá na mata, pois a árvore ideal é aquela que conseguimos retirar a casca com facilidade. Com árvore escolhida, preparamos o local com galhos grossos enfileirados e fizemos a derrubada com machados.

Quando a árvore foi derrubada, começamos a desenhar o molde da canoa na casca, e com muito cuidado, cortamos na linha do molde e inserimos estacas de madeira ao redor do corte, para que ao

pouco ela se soltasse inteira do tronco. Com a casca já retirada do tronco, apoiamos ela em estacas de madeira firmemente presas ao chão e, com a ajuda de um facão, fizemos os ajustes de tamanho. Ainda presa as estacas, iniciamos o processo de queimada da canoa, quando colocamos o fogo em toda a parte interior para que não apodreça, e nas duas extremidades da canoa, que com o calor do fogo a madeira pode ser dobrada, e assim criar o formato correto para a canoa. Essa última parte do processo é muito importante para a canoa de casca de jatobá, e precisa de muita atenção a trabalho coletivo. Após a queimada, a canoa fica descansando durante 3 (três) dias na mata antes de ir para o rio a ser usada.